

dois poemas de zeno queiroz

Zeno Queiroz¹

Verão

Eram dias de peixe em torno à pedra;
surgiam feito halos sob a água
quase verde, à procura – parecia-nos –
de certo alpiste em nossas mãos e dedos,
e desapareciam nos corais
de um vermelho molenga como a crista
do galo mudo, frente ao sol.

Eram tardes de espinha entregue à vista
no eterno meio-dia da cidade
em que nascemos (hoje um mapa, apenas);
e a luz torrencial, que anima e crispa,
lavávamos em bicas, gargalhando,
pois sempre era verão, sempre era véspera
da aparição de uma saola.

Eram noites de deuses e umidade,
quando o tempo impregnava a pele acesa
e, deíficos, tudo desfazíamos
na duração da sombra contra o branco
para extrair da treva a protoestrela,
que, só mais um risquinho, um asterisco,
a anos-luz já se apagou.

*

¹ Nasceu em 1999 em Fortaleza. É doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, onde também obteve o título de mestre em Semiótica e Linguística Geral (2022). Possui licenciatura em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal do Ceará (2019). E-mail: zenoqueiroz@gmail.com.

Contracanto

Riscar todos os sulcos dos vinis
por não querer ouvir o contracanto:
pra nós não haverá final feliz.

Negar essas canções – são juvenis.
E mesmo que o refrão se imante ao pranto
riscar todos os sulcos dos vinis;

conquanto permaneça na matriz
do verso certa graça, certo espanto
(pra nós não haverá final feliz...),

bem como o eco das sereias diz
desde antes do primeiro celacanto.
Melhor riscar os sulcos dos vinis.

Se bem que, ouvido a sério, até condiz.
De fato tudo dura só enquanto.
Pra nós não haverá final feliz.

Dancemos, pois, mexamos os quadris,
desafinemos nosso desencanto,
deixemos se riscar esses vinis:
pra nós haja talvez final feliz.